**I - Livro do apocalipse**[[1]](#footnote-1)

Apocalipse [ΑΠΟΚΑΛΥΨΙΣ (αποκαλυψις)]: revelação: tirar o véu para descobrir o que está além[[2]](#footnote-2). O verbo αποκαλυπτειν é utilizado na Septuaginta (Tradução dos 70), para indicar:

1. **No Antigo Testamento**:

* a epifania de Deus (1Sm 3,21);
* a revelação dos seus desígnios (Am 3,7);
* a revelação da sua justiça e da sua salvação (Is 56,1; Sl 98,2);

1. **No Novo Testamento**:

* αποκαλυψις apresenta-se também com uma conotação escatológica, tendo como conteúdo o próprio Jesus Cristo.
* O sentido original de αποκαλυψις é, na verdade, a revelação de Jesus Cristo não só para uma comunidade, mas para toda a Igreja.
* Aqui não entram as imaginações catastróficas dos tempos atuais, presentes em muitos grupos religiosos ou em pessoas curiosas.
* A preocupação do αποκαλυψις não é com o fim do mundo, mas em trazer consolação e encorajamento para a Igreja, por meio de uma profunda formação espiritual e teológica em tempos de perseguição[[3]](#footnote-3).
* O αποκαλυψις é uma autêntica obra de nova evangelização, é o anúncio do Evangelho a uma comunidade já cristã.
* É uma celebração do mistério pascal, idealmente colocado «no dia do Senhor» (Ap 1,10), «na qual, a assembleia litúrgica encontra o Cristo ressuscitado, vive a experiência do Espírito e se ativa para compreender o sentido da própria história»[[4]](#footnote-4).
* «O αποκαλυψις traz uma revelação relativa ao Cristo que veio, que está presente e que vem»[[5]](#footnote-5).

**Aποκαλ**υψις é uma palavra posta como título de livro depois de **Justino**, que não conhecia tal nome dessa forma. Para ele, era claro o título «revelação outorgada a João» (Dial. 81,4). Irineu já o entende dessa forma (αποκαλυψις), bem como o segundo e terceiro αποκαλυψις de Baruc. Assim, αποκαλυψις passa a designar um gênero literário.

**Um olhar sobre o Apocalipse**

* Um livro para o cotidiano da Igreja
* Falsamente interpretado como CÓDIGO SIMBÓLICO
* Contexto de heresias
  + Gnósticas: salvação pelo conhecimento, negação da criação e da encarnação do Verbo de Deus. Relação entre vida intelectiva e promiscuidade.
  + Montanistas: seguidores de Montano, que se auto-intitulava profeta enviado por Jesus para anunciar a era do Paráclito. Seus ensinamentos morais e teológicos contrariavam a doutrina da Igreja. Tratava-se de um profundo fanático religioso. Pois bem, seus seguidores foram ao deserto Frígio para ver a Jerusalém Celeste descer do céu.
* Não é um livro para tratar de predições futurísticas.
* Usa imagens do Oriente Médio, do A.T. (Dn 7-12) e do mundo grego.
* Ap e Dn dirigem-se à um comunidade perseguida. Em Dn, sabe-se que o soberano Sírio da Palestina tentara forçar o povo a renunciar ao judaísmo. Os que se recusaram, foram mortos.
* O Ap usa as imagens de Dn para encorajar os cristãos. Lá, Antíoco IV epífanes não conseguiu. Aqui, Roma (a besta) também não conseguirá.
* Em Dn, o Filho do Homem sobe ao trono, imagem aplicada a Cristo no Ap, pois Jesus é o Filho do Homem, o ser celestial.
* Os Apocalipses judaicos 4Esdras e 2Baruc, escritos na mesma época que o Apocalipse, tratam do sofrimento e da desorientação dos judeus depois que os romanos destruíram Jerusalém e incendiaram o templo.
* A Igreja inclui esse escrito no Cânon dos livros sagrados porque ele realmente contém uma visão autêntica e importante da fé cristã.

**Esquema do livro do Apocalipse**

1. Prólogo: Ap 1,1-8

* Introdução: Ap vv. 1-3
* Preceitos e ditos: vv. 4-8

2. As sete cartas: 1,9-3,22

3. Os sete selos: 4,1-8,5

4. As sete trombetas: 8,2-11,19

5. Visões não numeradas: 12,1-15,4

6. Sete taças: 15,5-16,21

* Interlúdio, intervalo, pausa - da Babilônia: 17,1-19,10

7. Visões não numeradas: 19,11-21,8

* Interlúdio de Jerusalém: 21,9-22,5)

8. Epílogo: 22,6-20

* Ditos: vv. 6-20
* Bênção: v. 21)

**Gênero literário: o fenômeno apocalíptico[[6]](#footnote-6)**

Antes de falar sobre o gênero literário propriamente dito, cabe frisar bem a Literatura APOCALÍPTICA. Trata-se de um tipo de literatura muito difundido no judaísmo entre os anos de 200 a.C. e 200 d.C. Essa literatura é feita sob pseudônimo, sendo proposta sob o nome de algum personagem célebre do passado, como Enoc ou Moisés. Pretende ser uma revelação do futuro até a época em que o autor vive, revelação atribuída ao antigo herói e mantida secreta até o momento. O meio da revelação é a visão, a abertura dos céus e a comunicação dos anjos. As visões geralmente revelam o futuro através de complicados simbolismos, que nem sempre são interpretados pelo próprio livro apocalíptico, mas que podem ser explicados quando a história contemporânea é suficientemente conhecida. A literatura apocalíptica trata do período final da história do mundo e da catástrofe do próprio mundo: nesse momento, as forças do mal travam a luta suprema contra Deus e são finalmente derrotadas, depois de um terrível e sangrento combate. Essas forças, descritas alegoricamente, são as forças mundanas da história contemporânea, que na literatura apocalíptica é sempre o último período antes do fim. Nesse combate, a nação judaica, às vezes representada por um líder messiânico, triunfa sobre o mundo: muito do falso messianismo da época neotestamentária pode ser buscado nos livros apocalípticos. A literatura apocalítica tem suas raízes no AT[[7]](#footnote-7).

1. Os autores desse gênero literário não fazem a distinção que nós fazemos entre profecia e gênero apocalíptico.
2. Visão simbólico-alegórica – constitui o principal material do livro do Ap. Algumas vezes o simbolismo é explicado (1,20; 4,5; 5,6; 17,9s).
3. O uso abundante de símbolos enigmáticos parece pressupor uma linguagem simbólica convencional conhecida do autor e dos seus leitores. Por vezes, o simbolismo é quase óbvio: a descrição do Filho do Homem (1,13-16), por exemplo, o reveste de atributos evidentes, cada qual com um simbolismo bem fácil de perceber. O simbolismo das cores é muito comum (6,1-8; 17,4; 19,8). O simbolismo dos números também é muito usado.
4. No livro do Ap, enquanto as citações explícitas do AT são raras, as alusões e ecos são tão frequentes que muitas partes do livro não parecem ser mais do que coletâneas de imagens veterotestamentárias.
5. linguagem cifrada e pseudonímia.
6. Surge num contexto de perseguição.
7. certa visão dualista.
8. O conteúdo das revelações pode girar em torno de dois centros fundamentais, os segredos da natureza (o que serve para fixar o calendário ou para falar dos astros) e o descobrimento daquilo que ocorrerá no futuro.
9. Acentuar a transcendência de Deus.

O Apocalipse encerra a coleção dos livros da Sagrada Escritura. No Apocalipse se pode ver um certo paralelismo com o livro do Gênesi com o qual tem início a Bíblia. Os últimos capítulos aludem concretamente ao rio que regava o paraízo (Cf Gn 2,6; Ap 22,1) e a árvore da vida (Cf Gn 2,8; Ap 22,14).

**Testemunhos e discordâncias**

Os testemunhos mais antigos do Apocalipse remontam ao século II, e são unânimes em reconhecer ao apóstolo João como autor do livro. ***São Justino*** até o ano 150 diz que *“um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo”* havia recebido as revelações que estão no Apocalipse.[[8]](#footnote-8) Da mesma época é um comentário ao Apocalipse escrito por ***Melitão***, Bispo de Sardes, do qual temos notícia através de ***Eusébio*** de Ceraréia.[[9]](#footnote-9) Outros autores deste mesmo século atestam a autenticidade do Apocalipse, como é o caso de: ***Pápias***, bispo de Hierápolis,[[10]](#footnote-10) e ***Santo*** ***Irineu***, que o cita com frequência.[[11]](#footnote-11) No século III, ***Orígines*** de Alexandria disse que o autor do Apocalipse escreveu também o Evangelho e teve a dita de apoiar a sua cabeça no peito de Jesus.[[12]](#footnote-12) ***Tertuliano***, no Ocidente, também atribui o Apocalipse a São João.[[13]](#footnote-13) Não obstante, neste período ***houve vozes discordantes,*** como a de um presbítero de Roma chamado Gaio que considerava que o Apocalipse fora escrito por ***Cerinto***, um gnóstico daquela época,[[14]](#footnote-14) e alguns autores desse tempo, chamados ***álogoi***, por negar a Cristo como Logos.[[15]](#footnote-15) ***Dionísio de Alexandria***, em meiados do século III, não aceitava a canonicidade do Apocalipse, porque os milenaristas recorriam a ele para defender o seu erro.[[16]](#footnote-16) Entretanto, no século IV, ***Santo*** ***Atanásio***, bispo de Alexandria, o reconhece como canônico, usando-o em sua luta contra os Arianos.[[17]](#footnote-17) ***São Basílio*** e ***São Gregório de Nissa*** aceitam assim mesmo a tradição em favar da autenticidade. Sem dúvida, na escola antioquena houve reservas em aceitá-lo e prescidem dele ***São Cirilo de Jerusalém***, ***São João Crisóstomo***, ***Teodoreto*** e outros. ***Eusébio de Cesaréia*** se mostra indeciso.[[18]](#footnote-18) Esta ambiguidade de alguns autores da Igreja Oriental cai por terra diante da unanimidade da Igreja Latina, que o admitiu sempre como canônico e autêntico. Uma vez desaparecido o perigo da heresia milenarista, se aceitou unanimemente até ***Lutero***, quem, em um primeiro momento, negou a autenticidade e canonicidade do Apocalipse, porém, posteriormente, o aceitou.[[19]](#footnote-19)

**II - Conteúdo e Estrutura do Apocalipse**

No livro do Apocalipse se apresentam duas partes distintas: ***uma parte*** é formada pelas sete cartas dirigidas às igrejas da Ásia Menor (Ap 1,4 – 3,22). ***Outra parte*** consiste nas visões escatológicas de São João (Ap 4,1 – 22,15). Ambas as partes são precedidas de um prólogo em que são apresentados o autor e o livro (Ap 1,1-3), e termina com um epílogo a modo de conclusão, que contém um diálogo entre Jesus e a Igreja, e umas advertências ao leitor com a despedida (Ap 22,16-21).

**As sete cartas**

A parte dedicada as cartas, enviadas aos cristãos da Ásia Menor, perseguidos pelas “Sinagogas de Satanás”, pelos hereges e esmorecimento na fé, tem início com uma saudação epistolar solene (Ap 1,4-8), segue uma introdução em o Cristo Glorioso ordena a que João escreva (Ap 1,9-20), e finalmente as cartas as igrejas de ***Éfeso*** (Ap 2,1-7), ***Esmirna*** (Ap 2,8-11), ***Pérgamo*** (Ap 2, 12-17), ***Tiatira*** (Ap 2, 18-29), ***Sardes*** (Ap 3,1-6), ***Filadelfia*** (Ap 3, 7-13), e ***Laodicéia*** (Ap 3,14-22).

“A seção epistolar proporciona avaliação profética, avaliação crítica e encoragamento às Igrejas mencionadas. Todas as cartas seguem um padrão:

1. Ordem para escrever.
2. Fórmula do mensageiro profético com uma descrição de Jesus como o remetente.
3. Passagem iniciada por ‘conheço’ ou ‘sei’. Inclui alguns dos elementos seguintes:
   1. ‘Conheço’ + descrição da situação;
   2. ‘Mas tenho contra ti’ (censura);
   3. Ordem para se arrepender;
   4. Dito profético;
   5. Promessa: o Senhor virá logo;
   6. Exortação à perseverança.
4. Chamado para ouvir.
5. Promessa de recompensa aos vencedores.

Essas cartas não nos dão muitas informações sobre os problemas das Igrejas da Ásia Menor. Falam de maneira enigmática sobre situações que eram conhecidas dos ouvintes originais. Sua mensagem é uma advertência profética sobre o cuidado que os cristão devem tomar para não perder a salvação que Cristo conquistou para eles.

As cartas que Inácio, bispo de Antioquia, escreveu a Igrejas da mesma região, cerca de duas décadas mais tarde (110 d.C), mostram que alguns dos mesmos problemas continuavam a afligir as igrejas da região. Inácio menciona mestres heréticos que, segundo ele, egavam que Cristo era verdadeiramente humano. Também contestavam a autoridade dos dirigentes das Igrejas locais. Outros cristão continuam a seguir costumes judaicos. Recusam-se a acreditar em qualquer ensinamento que não esteja incluido no Antigo Testamento. A oposição do tempo de Inácio parece ter orientação mais doutrinária e está melhor organizada que a das cartas do Apocalipse. Mas a forte oposição pode ter continuado a partir de tendências iniciadas quando o Apocalipse foi escrito. Se for assim, as severas advertências de João contra os falsos mestres cetamente se justificam. Eles continuariam a atormentar a Igreja”[[20]](#footnote-20).

*A parte dedicada as visões* se inicia com uma visão introdutória em que o autor contempla Deus em sua glória desde onde dirige os acontecimentos do mundo e a Igreja. *Estes contém um mistério o qual somente Cristo pode desvelar*, pois ***é o único capaz de abrir os sete selos*** (Ap 4 – 5). Depois vem como que uma primeira seção na qual são apresentados os acontecimentos prévios ao desenlace final, descritos por meio de uma série de visões que culminam na visão da sétima trombeta (Ap 6,1 –11,14). Com o barrulho desta começa a desenrolar-se, como uma segunda seção, a consernente a vitória de Cristo sobre os poderes do mal e a glorificação da Igreja (Ap 11,15 – 22,5). *Primeiro são apresentados os constratantes*: a **Igreja** e o **Cordeiro** de um lado; a **serpentes** e **as bestas** de um outro lado (Ap 12,1 – 16,21). *Depois se anunciam os castigos que estes receberam, prévios a sua derrota* (Ap 17,1– 18,24), e se descreve a alegria que esta causa no Céu (Ap 19,1-10). Logo segue os combates com o resultado triunfal de Cristo, o Juízo Final e a aparição da nova criação e da Jerusalém Messiânica (Ap 21,1 – 22,5). Por último o vidente recebe o encargo de fazer as visões conhecidas (Ap 22,6-15).

Ao longo da segunda parte há temas que parecem se repetir, como os castigos próximos do fim,[[21]](#footnote-21) e o triunfo dos eleitos,[[22]](#footnote-22) a queda de Babilônia[[23]](#footnote-23) e outros. Também, as vezes, interrompe-se bruscamente o relato de uma visão para se dá espaço a outra.[[24]](#footnote-24) Em algumas ocasiões se encontram temas que parece romper o rítmo da narração, como o das duas testemunhas,[[25]](#footnote-25) ou da mulher celeste.[[26]](#footnote-26) Además o autor parece expor em cada uma das visões a totalidade de sua mensagem, sem que se sinta obrigado a seguir critérios de ordem temática ou cronológica, usuais em obras de outro gênero. Mediante alguns recursos literários, consegue se dá ao livro um aspecto de novidade crescente que mantém o leitor em expectativa até o final. Assim utiliza como elemento literário básico o número sete; após as sete cartas dirigidas as sete igrejas,[[27]](#footnote-27) contempla um livro celado com sete selos,[[28]](#footnote-28) ouve-se o barulho de sete trobetas[[29]](#footnote-29) e se ver derramados sobre a terra o conteúdo de sete taças: as sete pragas.[[30]](#footnote-30)

**III - Composição do Livro do Apocalipse**

No começo do livro, Ap. 1,9-10, se faz referência as circunstâncias em que o hagiográfo escreve: ***“eu, João, vosso irmão, que conpartilho convosco as vossas tribulações... da Ilha de de Patmos... um Domingo...”.*** Patmos é uma pequena ilha do mar Egeu. Era um Domingo, o Dia do Senhor, quando escreve, o dia que os cristãos, desde o começo da Igreja, dedicavam ao culto divino, em lugar do sábado judeu. *Santo Irineu* estima que foi escrito no *final da época de Domiciano*, até o ano 96[[31]](#footnote-31), opinião que se confirma mediante os dados que o livro oferece. Com efeito, *depois dos anos 70 foi quando o primeiro dia da semana cristã começou a chamar-se* ***Dies Domini****, o Domingo*, e por outra parte o desenvolvimento das comunidades da Ásia Menor refletidas no Apocalipse, supõe-se uma etapa avançada da implatação da Igreja. *O livro vai dirigido as sete igrejas que estão na Ásia Menor*[[32]](#footnote-32). Parece que *se trata de um número simbólico* e que, na realidade, o livro está destinado a Igreja universal.

*A finalidade desta obra* é deixar os cristãos prevenidos contra os sérios perigos que existiam para a fé e, ao mesmo tempo, consolar e animar quantos sofriam o peso das tribulações, devidas as terríveis e largas persegções de *Domiciano*. As primeiras heresias já fasiam estragos naquelas comunidades: os nicolaítas propunham um certo conformismo com a idolatria e os costumes pagãos[[33]](#footnote-33), e se delumbrava a perda do primeiro fervor das comunidades cristãs[[34]](#footnote-34) e o decaimento da caridade[[35]](#footnote-35). A perseguição provinha tanto dos **judeus** como dos **pagãos**. Aos primeiros se denomina “sinagoga de satanás” e falsos judeus[[36]](#footnote-36). Os pagãos já haviam empreendido as primeiras persegções mediante **Nero**, cuja recordação permanece viva até fins do Século I.[[37]](#footnote-37) perante aquela situação de injustiça e cruéis atropelos, São João trata de consolar os cristãos e de manter viva a esperança no triunfo final de Cristo e de quantos lhe sejam fiéis, até a morte se for preciso[[38]](#footnote-38).

O gênero de que se utiliza o autor do Apocalipse é similar ao de outras obras do seu tempo, judias ou cristãs, que se distiguem especialmente por dois traços:

***Primeiro***: Abordar o tema dos últimos tempos, quando triunfará o bem e será aniquilado o mal.

***Segundo***: recorrer a simbolismos do reino animal, da astrologia, expressões numéricas, etc., para descobrir a história passada e presente, projetando-as para os tempos finais. São obras que, precisamente, por sua semelhança com a de São João, receberam o nome de *Apocalipse*. Pelo conteúdo e pela forma estas obras são uma derivação tardia da literatura profética, pois estes já anunciavam o *Dia do Senhor[[39]](#footnote-39)* e empregavam imagens simbólicas para expressar sua mensagem.[[40]](#footnote-40) Além disso, no apocalipse as visões se mesclam com recomendações de ordem moral, com convites a reflexão e com promessas de benaventuranças ou castigos futuros. O apocalipse de São João, se apresenta, com efeito, como uma “*profecia*”[[41]](#footnote-41), e, mesmo empregando normalmente uma linguagem e uns simbolismos similares aos apocalipses judeus, sua mensagem apresenta uma dimensão distinta: a de que adquire a história humana sob o senhorio de Cristo, reconhecido e celebrado na Igreja, novo povo de Deus, que no presente sofre, como seu Senhor, a perseguição por parte das forças do mal. Para o autor do Apocalipse o desenlace final já foi desvelado na Ressurreição e Ascensão de Cristo, e se está preparando ao longo da história mediante a santidade, as boas obras e o sofrimento dos justos. No final chegará o triunfo definitivo de Cristo e a exaltação da Igreja em um mundo novo, em que não haverá pranto nem dor[[42]](#footnote-42).

**III – Interpretações - Teologia**

Por seu caráter especialmente simbólico, o *Apocalipse recebeu diversas interpretações* ao longo dos séculos.

Na *antiguidade* ele foi interpretado como uma descrição antecipada e profética da história da Igreja, vindos anunciados em suas palavras os momentos mais importantes porque passou a Igreja, ou teria que passar até que chegue o reino de mil anos em que Cristo e seus seguidores hão de instaurar antes do fim do mundo, segundo se anuncia em Ap 20,1-7 entendido ao pé da letra. Esta interpretação teve sua vigência nos primeiros séculos e no período medieval. Ela foi correjida apartir do *século XVIII* por quem via no conteúdo do livro só um anúncio e pressentimento para os últimos tempos, para a época escatológica. Esta interpretação é mantida atualmente por alguns autores.

Em contraste com estas interpretações também se há compreendido ***o Apocalipse como um livro que contém exclusivamente a história contemporânea de São João***, e que conta as persegções e dificuldades da Igreja em seu tempo. Esta interpretação se inicia no *século XVI*, e hoje tem seus seguidores na crítica racionalista.

*A* ***interpretação******mais******comum*** *atualmente e mais de acordo com o texto e com a Tradição* é a que entende o Apocalipse como uma **visão teológica de toda História**, destacando o seu aspecto transcendente e religioso. São João apresenta a situação da Igreja em sua época, e um amplo panorama dos últimos tempos. Porém com a particularidade de que estes tempos definitivos já foram inaugurados com a Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem. Outro dado importante, é que a Igreja continuará na história sempre em luta contra o Dragão da dominação política anticristã. Nesse sentido, pode-se perceber uma **“Teologia do martírio**”[[43]](#footnote-43), uma exigência contínua de testemunho da vida cristã na história.

1. **Fundamentalistas e apocalípticos**: «o αποκαλυψις é o anúncio dos últimos tempos. A leitura apocalíptica desse grupo é literal e alienante»[[44]](#footnote-44).
2. **Outros grupos**: «questionam o αποκαλυψις justamente pelas leituras fundamentalistas que permite e pelas falsas expectativas de uma vinda iminente do fim do mundo em grupos mais sectários»[[45]](#footnote-45).
3. **Teologia da libertação**: faz a leitura do αποκαλυψις, vendo nele uma crítica aos poderes políticos injustos e uma profunda mensagem de esperança.
4. **Uma leitura atual**: o αποκαλυψις «é um livro de resistência cristã, escrito por um homem profundamente crente, um profeta (cf. 22,9-10; 1,3), que quer ajudar as suas comunidades a superar a crise religiosa que entre os cristãos é provocada pela perseguição que estão sofrendo. O autor dessa obra quer: interpretar a história e transformá-la, a fim de ela corresponder ao projeto do Deus da Aliança e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo»[[46]](#footnote-46).

Segundo Xavier Alegre[[47]](#footnote-47), o livro do Apocalipse apresenta as seguintes correntes hermenêuticas:

1. **Histórico-temporal** – empenha-se por explicar o Ap sob o ponto de vista histórico-social da comunidade e na época em que foi escrito. O Ap se referiria, então, a fatos históricos concretos, ocorridos no final do século I.
2. **Historicista** – acredita descobrir no Ap um anúncio antecipado de diversos acontecimentos históricos até o momento atual. De acordo com isto, cada autor vai aplicando as «predições», frequentemente de modo peregrino, aos acontecimentos históricos que foram vividos até o momento no qual se escreve.
3. **Futurista ou escatológica** – sublinha que o Ap coloca ênfase na vitória final de Deus sobre as forças do mal.
4. **Idealista ou atemporal** – sustenta que o Ap não faz nenhuma referência aos acontecimentos históricos, mas pretende muito mais expressar os princípios fundamentais, de acordo com os quais Deus atua na História.

**IV - Autor e ambiente**

Segundo uma antiga tradição (Justino e Irineu), o evangelista João é o seu autor, tendo como ambiente a sua própria comunidade, presente na província romana da Ásia, envolvida pelo culto contexto de Éfeso e pelos conflitos ali existentes até o fim do primeiro século d.C. Em Ap 1,1.4.9; 22,8, o próprio autor se intitula João e em Ap 10,11; 19,10; 22,9, apresenta-se como profeta. Muitos críticos modernos, comparando o Evangelho e o apocalipse, percebem diferenças linguísticas e teológicas, por isso não identificam no mesmo autor as duas obras. Por outro lado, é certo que o ambiente do Apocalipse é identificado com a comunidade jovanea na região de Éfeso. Sua composição deu-se, segundo Irineu, durante até o do reino de Domiciano (81-96). Já o historiado Eusébio precisa a data da composição no 14º ano de Domiciano (94-95)[[48]](#footnote-48).

**V - Interlocutores**

* A autoridade política de Roma e a cultura grega.
* As comunidades judaicas, que não reconhecem Jesus como Messias.
* Conflitos internos, causados pelos NICOLAITAS, apegados à mentalidade do mundo.

**VI - Símbolos**

Os símbolos têm, em João, uma função eminentemente religioso-política, pois oferece, por um lado, a alegria da vitória, a Boa Nova (cf. 14,6; 16,18; 18); e por outro, adverte os cristão, a fim de que mantenham-se fiéis, comprometidos com a verdade, confiantes na vitória do Cordeiro e sejam perseverantes em oração.

1. **Sonho**: no mundo bíblico é interpretado como uma revelação de Deus (cf. Gn 20,3; 28,12ss; 37,5-10; Dn 7,1ss; Mt 1,18-23; 2,12.13ss.18ss).
2. **Visões**: o sonho evolui para visão.
3. **As sete cartas às sete igrejas**: pelo número 7 (sete), simbolizam a Igreja universal. Nas cartas, João vai indicando às suas comunidades quais são as suas qualidades e os seus defeitos, pois procura mobilizá-las com o seu escrito para que, lembrando seu primeiro amor (2,4), deem testemunho profético no meio do mundo que os persegue, e corrijam os defeitos e heresias que estão sendo introduzidos nas comunidades, frequentemente nos escritos tardios do NT (cf. Hb 10,19ss; 1Pd 1,3ss; 4,12ss).
4. **Os sete selos (5,1-8,1)**: sublinham a importância do livro que os contém. O livro com sete selos significa que está selado totalmente e evidencia, por um lado, a importância de seu conteúdo; e, por outro, a dificuldade de poder conhecer o que está escrito nele, a não ser que os selos sejam rompidos. Esse **livro** contém o plano de Deus sobre a História. Sua revelação só poderá ser feita por Jesus Cristo (5,2-3).
5. **O Cordeiro imolado de pé**: Jesus Cristo morto e ressuscitado, chave de interpretação da História e início da nova humanidade (5,9-10; cf. Jo 12,32-33).
6. **As sete trombetas (8,2-14,5):** indicam o setenário central do Ap.Constituem o cerne da revelação que João quer comunicar às suas comunidades. Jo, mediante esse símbolo, chama à mobilização dos cristãos num momento decisivo da História (cf. Jr 4,5; 1Cor 14,8). Elas anunciam as desgraças que podem acontecer ao mundo se este se fechar diante do convite de Deus à conversão. As quatro primeiras trombetas se referem às pragas que afetarão a natureza, enquanto que a quinta e sexta atormentarão os homens; a sétima, como desemboca no setenários das taças, nada se diz sobre ela, mas apenas é anunciada (11,15a).
7. **As sete taças** (14,6-19,8): indicam que o castigo não só aumenta, mas que agora chega a converter-se no castigo definitivo da Besta do mar, isto é, do Império Romano, cuja queda será narrada e cantada, salientando que isso se deve a que ele não quis se converter. João escolhe o símbolo das taças, tendo como pano de fundo a imagem da “taça da ira de Javé”, clássica no profetismo (cf. Is 51,17.22; Jr 13,13; 25,15-17; 48,26; Ez 23,32-34; Hab 2,15s; etc.). Quanto às “taças da cólera de Deus”, significam os castigos e a ruína definitiva que aguardam os impérios totalitários que, como o de Roma, não aceitam o senhorio de Deus e querem, por sua vez, converter-se em deuses, sem atender aos apelos à conversão que Deus faz através das pragas.
8. **A grande Babilônia**: o Império Romano (cf. Ap 17 e 18), a mãe de todas as prostitutas e das abominações da terra (cf. 17,5), imagens extraídas de Isaías e Ezequiel; “a grande prostituta, aquela que está à beira das águas copiosas, com a qual os reis da terra se prostituíram, e embriagaram-se com o vinho de sua luxúria” (17,1b-2). Trata-se da “cidade das sete colinas” (17,9), que se embriaga com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus (17,6). O autor expressa alegria imensa pela queda do Império opressor, mas também manifesta sua admiração pelo seu esplendor e lamenta sua perdição. Modelo da lamentação do Ap 18 é aquela que se faz por Tiro em Ez 27-28. Aqui ressoa a crítica profética ao luxo e à injustiça dos habitantes da terra (isto é, dos incrédulos), dos reis e comerciantes que são vistos como aliados do Império Romano.
9. **A Besta da terra** (13,1ss): imagem tirada de Dn 7,4-6, que trata dos impérios babilônico, medo e persa. Aqui é também o Império Romano, que concentra os três anteriores em si mesmo. “É a capanga do Dragão”[[49]](#footnote-49).
10. **Besta-fera com aparência de cordeiro e voz de dragão (13,11):** os falsos profetas que se colocam a serviço do império romano para legitimá-lo diante do povo[[50]](#footnote-50).
11. **A Besta tem sete cabeças**: sete é o símbolo da plenitude; tais cabeças simbolizam “sete colinas” (cf. 17,9). Roma era conhecida como a cidade das sete colinas ou dos “sete imperadores”.
12. **O número da besta**: 666: César Nero – KSR NRVN: K = 100, S = 60, R = 200, N = 50, V = 6. Os testemunhas de Jeová inventaram o título “VICARIUS FILII DEI” para dizer que era o número do Papa, afirmando assim que a Igreja Católica seria o reino de satanás na terra. Depois, os Adventistas pegaram para si essa frase e até hoje procuram destruir a Igreja Católica. Só que o Ap não fala do número de um título, mas de um “homem”, e essa palavra na S. Escritura se refere ao ser humano. Assim, pode ser tanto homem quanto mulher. Se bem que não é essa a preocupação do texto, mas aplica-se ao fato da ação maléfica das seitas. Indo ao valor das letras, tem-se que: V = 5, I = 1, C = 100, U = 5, L = 50, D = 500. Então, a expressão criada, de má fé, “vicarius filii Dei dá 666. Em contrapartida, a frase: “CHRISTE, FILII DEI VIVI”, também dá 666. Ou seja, Cristo, Filho do Deus vivo seria, segundo a frase, a besta do Ap, o que seria um tremendo erro. Pegando agora o nome da fundadora da igreja Adventista nos Estados Unidos “ELLEN GOULD WHITE”, sabe-se que dá, exatamente, 666. Percebe-se que uma falsa interpretação o Ap pode levar a crer que a citada fundadora seria a Besta do Ap, porque seu nome dá exatamente o número da Besta. Aqui se evidencia o mal que as seitas fazem, usando a Palavra de Deus.
13. **Domiciano**, imperador, considerado como que uma manifestação de Nero pela sua crueldade e perseguição aos cristãos (cf. 17,10-11). Seu governo ainda pior do que o de Nero.
14. **Chifres**: símbolos do poder. João representa com sete chifres tanto o Cristo (cf. 5,6) como o diabo (12,3). E a Besta da terra tem sete cabeças e dez chifres (13,1; 17,3), significando as dez coroas de seus chifres (17,2) os reis vassalos que receberão seu poder de Roma. Dez indica totalidade.
15. **As duas testemunhas (11)**: João pode não estar pensando em duas pessoas concretas, mas nos pregadores proféticos da Igreja; Rissi vê representada nelas uma comunidade que procede de Israel e dos pagãos; Brutsch, talvez sem razão, a imagem dos judeu-cristãos. Se Jo relata a morte dos dois profetas à imagem da crucificação e exaltação de Cristo, é para mostrar a importância que tem para o discípulo imitar o mestre. González Ruiz observa que “a história da Igreja será uma sucessão de profetismo morto e ressuscitado”. Alguns pensaram, sem fundamento suficiente, no testemunho de Pedro e de Paulo[[51]](#footnote-51).
16. **A mulher**: o povo de Deus, a Igreja e Maria (12). John L. Mckenzie afirma que a mulher em questão é, sem dúvida, uma segunda Eva, mas parece que autor não sabia que esse título tivesse sido dado a Maria. A mulher também é a mãe do messias, mas é difícil ver como suas aventuras podem se referir a Maria. Entretanto, elas ficam explicadas se a mulher é identificada com o povo de Deus, que dá vida tanto ao messias como ao novo povo de Deus (interpretação da maior parte dos exegetas). **As doze estrelas**: as doze tribos de Israel, os doze patriarcas e os doze apóstolos (21,22).
17. **O Dragão ou Serpente (12,3**.9): o poder do mal que opera no mundo, o satanás[[52]](#footnote-52).
18. **1260 dias (12,6), 42 meses (11,2), tempo, tempos, meio tempo (12,14)**: é a metade de 7 anos. Indica um tempo limitado e imperfeito. Deus limita o tempo do perseguidor[[53]](#footnote-53).
19. **Asas de águia (12,14)**: é a proteção com que Deus conduz o seu povo (cf. Dt 32,11; Ex 19,4).
20. **Pantera, urso, leão** (13,2): símbolos de voracidade e de exploração.
21. **Cordeiro** (14,1): é Jesus, cordeiro pascal, cujo sangue opera a libertação do povo.
22. **144.000 virgens** (14,1-4): é o número completo: 12 x 12 x 1000; 12 do AT e 12 do NT. São virgens, isto é, nunca andaram atrás dos falsos deuses do império romano.
23. **Babilônia** (14,8; 18,2): é Roma que explora os povos para se enriquecer (18,3.9-13).
24. **Filho do Homem** (14,14): imagem de Jesus Messias, tirada do profeta Daniel (Dn 7,13).
25. **Harmaguedon** (16,16): símbolo da derrota dos exércitos inimigos, tirado de Zc 12,11.
26. **Cor branca** (19,14): símbolo de vitória.
27. **Mil anos** (20,2-7): A razão é que Deus disse a Adão em Gn 2,27 que morreria no mesmo dia em que comera do fruto proibido. Se um dia do Senhor é como 1.000 anos (cf. Sl 90,4), compreende-se, então, que Gn 5,5 diga que Adão morreu aos 930 anos. A ideia de que neste tempo Satanás está acorrentado no Abismo (20,1-3) não é nova. Já o primeiro livro de Henoc fala dos anjos caídos que foram acorrentados no inferno (cf. 1Henoc 18,12-16; 19,1-2; 21,1-6). Fundamentando-se nestas indicações, os cristãos pensavam que a morada no paraíso, instaurado pelo Messias, duraria mil anos, significando que com a ressurreição de Jesus (12,5) se restauram as condições da vida paradisíaca interrompidas pela queda original. O milênio não se referiria a um futuro, mas ao tempo presente que a Igreja está vivendo. A obra de Cristo comporta, neste contexto, o fim do poder da Serpente (12,9; 20,3). Razão pela qual o fruto da árvore da vida é oferecido àqueles que, com o Cristo, são vencedores de Satanás (2,7; 22,14.19)[[54]](#footnote-54).
28. **Lago de fogo** (20,14): símbolo do destino de tudo que se opõe ao plano de Deus.
29. **Segunda morte** (20,14): é a condenação eterna, enquanto que a primeira morte diz respeito somente ao físico.
30. **Nova Jerusalém** (21,2): símbolo do novo povo de Deus.
31. **Núpcias do Cordeiro** (21,2; 19,9): vitória e festa final da união de todos com Deus.
32. **Alfa e Ômega** (21,6): primeira e última letra do alfabeto grego; princípio e fim.

**VII - As cores**:

1. **branco**: vitória ou glória dos eleitos que participam da vida de Deus (cf. 7,9.13-18; 19,8); também significa a eternidade do Filho do Homem, apresentado de cabelos brancos (cf. 1,14).
2. **Vermelho**: de fogo, sangue – símbolo de assassinato, de violência (6,4). A prostituta, que simboliza o Império Romano, “estava vestida de púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas” (17,4); ela “estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus” (13,15-17). A serpente, que simboliza o diabo, é vermelha (cf. 12,3).
3. **Preto** (cf. 6,5-6): simboliza o sofrimento que a inflação comporta, traz consigo a fome.
4. **Esverdeado** (6,7-8): simboliza a peste e a morte.

**VIII - O quaternário satânico[[55]](#footnote-55)**

1. **Cavaleiro branco**: tem em si o desejo de dominação, tem o desejo do poder.
2. **Cavaleiro vermelho**: carrega uma grande espada e traz a guerra consigo. O desenvolvimento do desejo do poder e da dominação levará ao encontro de outros dragões, outras bestas que promoverão a guerra, que destruirá a terra.
3. **Cavaleiro preto**: carrega consigo a fome, consequência da guerra, que veio da vontade de dominação.
4. **Cavaleiro esverdeado**: esse se chama morte, que tem a cor esverdeada da decomposição, do mofo, do cadáver. Consigo vem a peste.

**IX – Os números**

1. O número 7: aparece 54 vezes. É o mais importante. Significa plenitude, totalidade. Juntamente com o nº 12, simboliza um motivo teológico fundamental que o autor quer que fique bem claro para a comunidade: a Aliança de Deus com o seu povo, uma aliança à qual, ele se mantém sempre fiel. Este nº simboliza a Aliança, porque é a soma ou a multiplicação do três e do quatro.
2. O número 6: indica imperfeição.
3. O número 12: 23 vezes. É Israel (antigo e novo).
4. O número 4: 16 vezes. Simboliza o mundo criado (4,6ss; cf. Ez 1,5; Is 6,2-3) – os quatro ventos ou os quatro pontos cardeais da terra que era vista como quadrada.
5. O número 3: 11 vezes. Simboliza plenitude e é a cifra que somente é utilizada para Deus no mundo bíblico. Com o três simbolizam a riqueza e o dinamismo de Deus, o seu mistério mais profundo. Tem um certo valor de absoluto. Nesse sentido, se Is 6,3, citado em Ap 4,8b, diz que Deus é “santo, santo, santo”, com isso se indica que Deus é totalmente santo. Semelhantemente, se Pedro nega três vezes Jesus (cf. Mc 14,66-67), significa que o nega radicalmente. E se, segundo Jo 21,15-17, o mesmo Pedro três vezes confessa a Jesus o seu amor, com isso se assinala que Jesus lhe concedeu a reconciliação total.
6. O número 10: 10 vezes. Indica universalidade.
7. O número 1000: 6 vezes. Indica uma grande multidão, imensidão. Os 144.000 simbolizam a multidão incontável dos eleitos (cf. 7,9).

X – **Ensinamento do Livro do Apocalipse**

A afirmação central do Apocalipse é a segunda vinda do Senhor, a ***Parusia***, e o estabelecimento definitivo de seu Reino no fim dos tempos. Em torno a esta afirmação está o seu ensinamento sobre Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, os anjos e a Igreja.

A Deus se chama “o **Alfa** e o **Ômega**”, “o princípio e o fim”[[56]](#footnote-56), também “aquele que é, que era e que há de vir”[[57]](#footnote-57). São expressões que explicitam o nome de YHWH, “eu sou o que sou”, revelado a Moisés.[[58]](#footnote-58) Se ensina assim que *Deus é o que era* no passado, sua eternidade; *o que é no presente*, que está atuando desde a fundação do mundo até hoje; *e o que há de vir*, isto é, seguirá presente no tempo futuro, com uma presença dinâmica e salvadora que não cessará jamais. Nada escapa a sua providência divina. Ele é Pai justo e veraz que se mostrará a si mesmo como herança do vencedor: “Eu serei para ele Deus, e ele será para mim filho.”[[59]](#footnote-59) No final, seu poder criador e seu amor infinito levarão Deus a restaurar todas as coisas e a criar um mundo novo.[[60]](#footnote-60) Também é Juiz universal e inapelável, a cujo juízo ninguém pode escapar.[[61]](#footnote-61)

Mediante a morte na cruz, ***Jesus Cristo*** é apresentado constatemente como o Redentor.[[62]](#footnote-62) Especialmente se destaca a figura grandiosa e humilde do Cordeiro, que, com frequência, aparece “imolado”[[63]](#footnote-63), vítima do sacrifício por excelência. Sem dúvida, predomina o aspecto glorioso mediante o símbolo do Cordeiro que está no trono sobre o monte Sião, de onde flui o rio de água da vida.[[64]](#footnote-64) Ele será quem guia e apascenta o seu Povo, acompanhado pelos vencedores[[65]](#footnote-65). Combateram- Lhe, porém ele acabará vencendo os seus inimigos.[[66]](#footnote-66) Ele é digno de receber o poder e a glória, de ser adorado pela criação inteira.[[67]](#footnote-67) Jesus Cristo recebe também o título de “***Filho do homem***”, destinado a receber o domínio e o poder sobre todas as nações e línguas.[[68]](#footnote-68) Ele é o “Senhor dos senhores e Rei dos reis”[[69]](#footnote-69); ele está acima dos anjos a quem envia e, diferente deles, recebe o culto de adoração devido só a Deus.[[70]](#footnote-70)

Se alude ao ***Espírito Santo*** em diversos momentos. Assim quando se fala dos sete espíritos que estão diante do trono ou das sete lâmpadas acesas[[71]](#footnote-71), e quando se diz que ele fala as igrejas[[72]](#footnote-72). Ao final, a voz do Espírito Santo se une a vóz da Esposa para suplicar a vinda de Cristo. O Espírito Santo vem apresentado em função da Igreja a qual alenta, com sua palavra e anima com um impulso interior que faz suplicar a vinda do Senhor.

***A Igreja*** está presente de modo mais ou menos explícito, ao longo de todo o livro. Se ensina que a Igreja é *una* e *universal* e que ela clama com insistência suplicante a vinda do Senhor[[73]](#footnote-73). Ela é apresentada mediante diversas imagens, cujo simbolismo nos ajuda a compreender sua beleza e grandiosidade. Assim se fala da *Cidade Santa*, a *nova Jerusalém*, que está junto de Deus, chamada também *Cidade Amada*,[[74]](#footnote-74) e cuja glória e esplendor se descobre com toda riqueza de detalhes[[75]](#footnote-75). A Igreja é chamada também de *Templo de Deus*, onde está a Arca da Aliança de onde se cultua a Deus a multidão incontável dos eleitos[[76]](#footnote-76). Também *a Mulher* que o vidente contempla no Céu[[77]](#footnote-77), ainda que se interprete referida a Santíssima Virgem ou ao Antigo Israel, pode significar antes de tudo a própria Igreja, submetida a grandes tribulações.

Porém *a Igreja também se apresenta como uma realidade localizada nas diversas cidades da Ásia Menor*[[78]](#footnote-78). Estas comunidades não constituem uma igreja distinta da Igreja como tal, mas já se pode perceber, de alguma maneira, a idéia de que a Igreja universal se faz presente nas comunidades dos fiéis crentes, “como partes que são da Igreja únca de Cristo”[[79]](#footnote-79).

***Os anjos*** tem um papel importante ao longo do livro. Estão no Céu, na presença de Deus, louvando sem cessar a Deus e ao Cordeiro[[80]](#footnote-80), e intercedendo pelos homens[[81]](#footnote-81). São mediadores da revelação divina[[82]](#footnote-82); os enarregados de protejer os homens[[83]](#footnote-83), e os que estão a frente das igrejas[[84]](#footnote-84), se bem que neste último caso poderia ser a apresentação simbólica dos bispos dessas igrejas, cuja função era de fundamentalmente velar por elas. Em certas ocasiões os anjos são também os executores dos castigos divinos[[85]](#footnote-85). Encabeçados pelo ***Arcanjo São Miguel***, travan nos Céus a grande batalha do Bem contra o Mal[[86]](#footnote-86), contra “aquele grande dragão, a serpente antiga, chamado Diabo e Satanás, que seduz a todo o universo”[[87]](#footnote-87). Porém esta luta se prolonga por toda a história. Assim se diz que os demônios soltos por algum tempo e livres pela terra, suscitam guerras e aberrações entre os homens[[88]](#footnote-88), porém ao final serão precipitados nos infernos onde serão atormentados para sempre[[89]](#footnote-89).

**Resumo**

1. O Ap não é uma história profética da Igreja e a explicação do seu simbolismo não deve ser procurada na história contemporânea. E também não se trata de uma alegoria puramente espiritual, sem relação com a história contemporânea ao seu autor.
2. O livro do Ap é um apocalipse cristão, não judaico. Jesus Cristo é a sua figura dominante, em evidente contraste com a supressão do messias típico da maior parte da literatura apocalíptica judaica. Em Ap, Jesus aparece como o redentor, o Filho do Homem, glorificado e exaltado, como o vencedor do combate escatológico e o juiz (1,5; 2,26ss; 3,21; 5,6.9; 7,14.17; 12,5.11; 13,8; 19,11.15; 21,1.3.22ss; 22,1.3.14).
3. As cartas às sete igrejas não são escritas no mesmo gênero literário do resto do livro. As cartas não contêm visões e apresentam advertências morais, sem escatologia. Já o resto do livro não contém ensinamentos morais, sendo constituído por uma série de visões.
4. Não se pode colocar em dúvida a orientação do livro no sentido de uma situação contemporânea. A literatura apocalíptica foi escrita em função de uma crise. Em nosso caso, a crise é sugerida pelas inúmeras alusões às perseguições e aos martírios. Como o primeiro livro sugere, deve tratar-se das primeiras perseguições das autoridades romanas.
5. O livro do Ap pretende ser uma resposta às crises de fé provocadas pela perseguição, uma resposta na linha da tradição apocalíptica: com fé e esperança, deve-se esperar a salvação e o juízo de Deus, convencidos de que o perseguidor cairá antes de conseguir destruir o povo de Deus.
6. A salvação e o juízo são concebidos em termos escatológicos.
7. “Na luta entre a Igreja e o Império Romano, o autor vê a luta decisiva entre Deus e Satanás, que termina com a vitória de Deus e com o aniquilamento final de todas as forças contrárias a ele. Essa luta é a introdução ao fim deste mundo e ao início do reino eterno de Deus” (Wikenhauser).
8. O combate escatológico não é apenas escatológico, mas é um combate sempre presente na vida da Igreja, em uma perspectiva escatológica.

**BIBLIOGRAFIA**

Comentário Bíblico. Edições Loyola, São Paulo 1999.

J. L. Mckenzie, Dicionário Bíblico, Paulus, S. Paulo 1984.

J.-Y. Leloup, Apocalipse; clamores da revelação, ed. Vozes, Petrópolis 2003.

P. Prigent, L’Apocalypse de Saint Jean, Genéve 1988; trad. Br. O Apocalipse, ed. Loyola, São Paulo, 1993.

X. Alegre, O Apocalipse de São João, in J.-Oriol Tuñí & X. Alegre, Escritos Joaninos e cartas católicas, ed. Ave Maria, São Paulo 1995, 191-260.

1. P. Prigent, O Apocalipse [↑](#footnote-ref-1)
2. C. Doglio, Introduzione alla Bibbia, 249. [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. C. Doglio, Introduzione alla Bibbia, 250. [↑](#footnote-ref-3)
4. C. Doglio, 250. [↑](#footnote-ref-4)
5. P. Prigent, O Apocalipse, 15. [↑](#footnote-ref-5)
6. X. Alegre, O Apocalipse de São João, in J.-Oriol Tuñí & X. Alegre, Escritos Joaninos e cartas católicas, ed. Ave Maria, São Paulo 1995, 201-202. [↑](#footnote-ref-6)
7. J. L. Mckensie, Dicionário Bíblico, 57. [↑](#footnote-ref-7)
8. Diálogo com o Judeu Trifão, n. 81. [↑](#footnote-ref-8)
9. Cf. *História Eclesiástica*, 4,26,2. [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. Andrés de Cesárea, *Comentário sobre o Apocalipse*, Prólogo. [↑](#footnote-ref-10)
11. Cf. *Adversus Haereses* 4,20. [↑](#footnote-ref-11)
12. Cf. *In Ioannem* 1,14. [↑](#footnote-ref-12)
13. Cf. *Adversus Marcionem* 3,14; *De resurrectione carnis*, 25. [↑](#footnote-ref-13)
14. Cf. Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica* 3,28,2. [↑](#footnote-ref-14)
15. Cf. Santo Epifânio, *Adversus Haereses* (Panarion) 51, 1-35. [↑](#footnote-ref-15)
16. Cf. Dionísio de Alexandria, *Ex Libro de Promissione* 3-7. [↑](#footnote-ref-16)
17. Cf. *Oratio II, Contra Arianos*, 23. [↑](#footnote-ref-17)
18. Cf. *História Eclesiástica* 3, 25,2. [↑](#footnote-ref-18)
19. Cf. Lutero, *Praefatio in Apocalypsim*. [↑](#footnote-ref-19)
20. Comentário Bíblico, pp. 360-361. [↑](#footnote-ref-20)
21. Cf. Ap. 6,1-15; 8,6 – 9,21; 16,1-21. [↑](#footnote-ref-21)
22. Cf. Ap. 7,9-17; 14,1-15; 19,1-10. [↑](#footnote-ref-22)
23. Cf. Ap. Cf. Ap. 14,6-11; 18,1-3. [↑](#footnote-ref-23)
24. Cf. Ap. 8,2; 10,1; 12,1, etc. [↑](#footnote-ref-24)
25. Cf. Ap. 11,1-14. [↑](#footnote-ref-25)
26. Cf. Ap. 12,1-18. [↑](#footnote-ref-26)
27. Cf. Ap. 1,4 – 3,22. [↑](#footnote-ref-27)
28. Cf. Ap. 5,1 – 8,1. [↑](#footnote-ref-28)
29. Cf. Ap. 8,2 – 11,15. [↑](#footnote-ref-29)
30. Cf. Ap. 15,5 – 16,17. [↑](#footnote-ref-30)
31. Cf. *Adversus Haereses,* 5,30. [↑](#footnote-ref-31)
32. Ap. 1,4. [↑](#footnote-ref-32)
33. Cf. Ap. 2.6.14. [↑](#footnote-ref-33)
34. Cf. Ap. 2,4. [↑](#footnote-ref-34)
35. Cf. Ap. 3,2. [↑](#footnote-ref-35)
36. Cf. Ap. 2,9-10. [↑](#footnote-ref-36)
37. Cf. Ap. 6,9-11 e 17,6. [↑](#footnote-ref-37)
38. Cf. AP. 2,10. [↑](#footnote-ref-38)
39. Cf. Am. 5,18-20; Is. 2,6-21; Jr. 30,5-7; etc. [↑](#footnote-ref-39)
40. Cf. Am. 7,1 – 8,3; Os 13,7.8; Joel, 2,10-11; Ez. 1-2; etc. [↑](#footnote-ref-40)
41. Cf. Ap. 1,3. Cf. Ap. 22,7.9.10.18.19 [↑](#footnote-ref-41)
42. Cf. Ap. 21,4. [↑](#footnote-ref-42)
43. Comentário Bíblico, p. 358. [↑](#footnote-ref-43)
44. X. Alegre, O Apocalipse de São João, in J.-Oriol Tuñí & X. Alegre, Escritos Joaninos e cartas católicas, ed. Ave Maria, São Paulo 1995, 192. [↑](#footnote-ref-44)
45. Idem. [↑](#footnote-ref-45)
46. Idem. [↑](#footnote-ref-46)
47. Idem, 201. [↑](#footnote-ref-47)
48. Cf. C. Doglio, 250. [↑](#footnote-ref-48)
49. Carlos Mesters, Esperança de um povo que luta, 27. [↑](#footnote-ref-49)
50. Idem. [↑](#footnote-ref-50)
51. X. Alegre, O Apocalipse de São João, 243-244. [↑](#footnote-ref-51)
52. Idem. [↑](#footnote-ref-52)
53. Idem. [↑](#footnote-ref-53)
54. X. Alegre, O Apocalipse de São João, 241-242. [↑](#footnote-ref-54)
55. Cf. J.-Y. Leloup, Apocalipse; clamores da revelação, ed. Vozes, Petrópolis 2003, 46-47. [↑](#footnote-ref-55)
56. Ap. 1,8; 22,13. [↑](#footnote-ref-56)
57. Ap. 1,4. [↑](#footnote-ref-57)
58. Ex. 3,14. [↑](#footnote-ref-58)
59. Ap. 21,7. [↑](#footnote-ref-59)
60. Cf. Ap. 21,5. [↑](#footnote-ref-60)
61. Cf. Ap. 20,12. [↑](#footnote-ref-61)
62. Ap. 1,7; 7,14; 11,8; 12,11. [↑](#footnote-ref-62)
63. Cf. Ap. 5,12; 13,8;22,14. [↑](#footnote-ref-63)
64. Cf. Ap. 5,6; 14,1; 22,1.3. [↑](#footnote-ref-64)
65. Cf. Ap. 7,17. [↑](#footnote-ref-65)
66. Cf. Ap. 17,14. [↑](#footnote-ref-66)
67. Cf. Ap.5,12. [↑](#footnote-ref-67)
68. Cf. Dn 7,13-14; Ap.,13-16 [↑](#footnote-ref-68)
69. Cf. Ap. 7,14; 19,16. [↑](#footnote-ref-69)
70. Cf. Ap. 1,1; 22,6; 19,19; 22,8-9. [↑](#footnote-ref-70)
71. Cf. Ap. 1,4; 4,5. [↑](#footnote-ref-71)
72. Cf. Ap. 2,7.11.17;etc. [↑](#footnote-ref-72)
73. Cf. Ap. 22,17.20. [↑](#footnote-ref-73)
74. Cf. Ap. 3,12; 20,9;21,2.10. [↑](#footnote-ref-74)
75. Cf. Ap. 21,16-27; 22,1-2. [↑](#footnote-ref-75)
76. Cf. Ap. 3,12;7,15;11,19. [↑](#footnote-ref-76)
77. Cf. Ap. 12. [↑](#footnote-ref-77)
78. Cf. Ap. 2 – 3. [↑](#footnote-ref-78)
79. Conc. Vaticano II, *Christus Dominus*, n. 6. [↑](#footnote-ref-79)
80. Cf. Ap. 5,11; 7,11; etc. [↑](#footnote-ref-80)
81. Cf. Ap. 8, 3-4. [↑](#footnote-ref-81)
82. Cf. Ap. 1,1; 7,2; 8,2 – 11,15; 14, 6-19; 16,17; 19,17; 22, 6.16 [↑](#footnote-ref-82)
83. Cf. Ap. 7, 1; 21,12. [↑](#footnote-ref-83)
84. Cf. Ap. 1, 20; 2, 1.8.12.18; 3, 1.7.14. [↑](#footnote-ref-84)
85. Cf. Ap. 9,15; 14, 18; etc. [↑](#footnote-ref-85)
86. Cf. Ap. 12, 7ss. [↑](#footnote-ref-86)
87. Ap. 12, 9. [↑](#footnote-ref-87)
88. Cf. Ap. 20, 7-8. [↑](#footnote-ref-88)
89. Cf. Ap. 12, 9; 20, 10. [↑](#footnote-ref-89)